

Entrada em campo: um ensaio etnográfico na comunidade Lagoa do Juá¹

Rosa da Conceição NASCIMENTO²

Catarina Teresa Farias de Oliveira³

Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, CE

Resumo

O presente trabalho trata de um ensaio etnográfico na comunidade Lagoa do Juá, no município de Itapipoca, na reunião Vales do Curu e Aracatiaçu, no Ceará. O objetivo é compreender os processos de uma pesquisa etnográfica, a partir da entrada em campo, na perspectiva de ampliar os horizontes para a pesquisa de mestrado em comunicação, na Linha II - Mídia e Práticas Socioculturais, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará. Como base teórica buscou discutir as ideias de Oliveira e Malinowski, dentre outros autores, sobre o método etnográfico.

Palavras-chave: Comunidade Lagoa do Juá; O Candeeiro; Etnografia.

1. Introdução

Este trabalho é um ensaio etnográfico na comunidade Lagoa do Juá, a partir de uma breve entrada em campo, em dois momentos: o primeiro aconteceu em uma visita de um dia, com o intuito de conhecer o local, as famílias e as estratégias de pesquisa, a segunda, em um período de um dia e meio, na perspectiva de conhecer mais a comunidade, discutir o contexto local, bem como estabelecer um diálogo com as famílias, priorizando as famílias que têm experiências sistematizadas no Candeeiro.

O Candeeiro é um boletim impresso, de uma ou duas páginas frente e verso, do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2⁴), da Articulação Semiárido Brasileiro

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC), email: rosa.ugt.obas@gmail.com. Orientação: Catarina Tereza Farias de Oliveira.

³ Orientadora do trabalho. Professora da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFC, email: catarinaoliveira30@gmail.com.

⁴ O Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), da ASA, foi criado em 2007, como uma das ações do Programa de Formação e Mobilização Social para a Convivência com o Semiárido – Um Milhão de Cisternas Rurais, para fomentar a soberania e segurança alimentar e nutricional das famílias agricultoras e a geração de renda, a partir da ideia de convivência com a região semiárida, por meio da implementação de tecnologias sociais de captação de água para produção de alimentos e criação de pequenos animais, bem como estimular a participação de pessoas e grupos distintos para o desenvolvimento rural sustentável do Semiárido brasileiro. Disponíveis em: < <http://www.asabrasil.org.br/acoes/p1-2>>. Acesso em: 12 de abril de 2017.

(ASA)⁵, que tem como objetivo dar visibilidade e fortalecer as ações de convivência com o Semiárido, a partir das experiências de famílias, grupos e comunidades.

O Candeeiro é o objeto de pesquisa do Projeto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), pela Universidade Federal do Ceará (UFC), que pretende analisar a participação de agricultores e agricultoras no processo de produção.

Fazer um ensaio etnográfico na disciplina Seminário de Projeto de Pesquisa em Comunicação, do PPGCOM, possibilita-me entrar em campo e aprofundar o objeto de pesquisa, ao mesmo tempo em que se apresenta como parte desse estudo, que pelo que propõe o projeto, consolidar-se-á em vários momentos, dentre eles, a observação participante e não participante; grupos focais e oficinas.

Para apresentar o ensaio realizado, este trabalho está organizado em três etapas. A primeira apresenta, em parte, o contexto local da comunidade, a segunda faz uma breve discussão do método etnográfico, a partir dos autores Oliveira (2014) e Malinowski (1984), e por fim, a terceira refere-se à entrada em campo, como um ensaio etnográfico.

Na tentativa de compreender o método etnográfico, optamos por realizar uma análise bibliográfica. Esta técnica é entendida por Gerhardt e Silveira (apud Fonseca, 2009) como um estudo realizado a partir de consultas de livros, artigos científicos, sites, para um conhecimento prévio daquilo que já existe sobre o assunto.

Também será feita uma observação em campo, sob a perspectiva de Oliveira (2014) e Minayo (2011). Para discutir o recorte das impressões de uma visita de campo recorreremos a Oliveira (2014) e Malinowski (1984), que fazem essa discussão na perspectiva da efetivação de uma pesquisa etnográfica. E por fim, a entrevista, que ainda segundo Minayo (2011), parte da intenção de obter informação acerca de determinado objeto de pesquisa.

O objetivo geral deste trabalho é compreender os processos de uma pesquisa etnográfica, a partir de um ensaio em campo, tendo como base a comunidade Lagoa do Juá, na perspectiva de ampliar os horizontes para a pesquisa de mestrado. Como objetivos específicos propomos um conhecimento prévio da localidade, bem como se aproximar das famílias agricultoras que têm suas experiências sistematizadas no boletim

⁵ A ASA é uma rede formada por cerca de três mil instituições da sociedade civil, consolidada no ano de 1999, a partir de conferência realizada em Recife, que entre outras questões discutiu a necessidade da consolidação de processos para a convivência com o Semiárido, a partir de práticas adaptativas à região. Atua em todo o Semiárido brasileiro, que compreende os nove estados do Nordeste mais parte de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.asabrasil.org.br/sobre-nos/historia>>. Acesso em: 12 de julho de 2016.

O Candeeiro, com o intuito de estreitar os laços e posteriormente poder aprofundar sobre sua participação no processo de produção dessa proposta de comunicação.

2. Contexto da pesquisa

Esta pesquisa tem como campo empírico a comunidade Lagoa do Juá, que faz parte do município de Itapipoca, na região Vales do Curu e Aracatiaçu do Ceará, distante 35 quilômetros de sua sede. Foi constituída em 1976, na época, pertencia à Paróquia de Amontada, na mesma região. Desde então lutam pelo seu desenvolvimento. Como estratégias de fortalecimento, criaram bancos de sementes, intercâmbios entre outras comunidades, Associação dos Pequenos Agricultores, entre outras.

A comunidade é formada por cerca de 180 famílias, que vivem da agricultura, com a produção de feijão, milho, mandioca, entre outras culturas, priorizando uma alimentação saudável para as famílias, conforme a comunidade (2006). Nessa perspectiva trabalham com remédios, sabão e xampus caseiros, criação de galinhas e outros pequenos animais, Lagoa do Juá (2006).

Além da agricultura, muitos são professores, outros pedreiros e outros vivem de trabalhos manuais, como o beneficiamento da palha da carnaúba. Esta cultura, segundo Linhares (2017)⁶ possibilita que as pessoas trabalhem durante quase todo o período do ano, pois quando passa o inverno, geralmente no mês de agosto começam a trabalhar com a folha da carnaúba, que entre outros objetos, permite confeccionar vassouras, bolsas, chapéus, esteiras, urus, um tipo de bolsa grande comprida, para apanhar feijão, além de outros objetos artesanais.

De acordo com as famílias “esse período é o que mais corre dinheiro na comunidade”⁷, pois com a palha da carnaúba muita gente trabalha e muitos objetos são confeccionados e comercializados, tanto na comunidade quanto em outros espaços. As pessoas que não trabalham com a carnaúba nem como pedreiro ou professor, trabalham com carvão, de forma que quase todos da comunidade têm atividades a desenvolver.

Em relação à Política Educacional, como descreve Lagoa do Juá (2006), realizam reuniões para discutir a história do Brasil de outrora, do presente e do futuro, dependente e independente, bem como assuntos decorrentes do contexto atual (2006).

⁶ LINHARES, M. I. V. Entrevista concedida a Rosa Nascimento. Lagoa do Juá, fevereiro de 2017.

⁷ Idem

Outra questão levantada pela comunidade (2006) é a Política Social, que entre outros aspectos, tem como propósito, lutar por um mundo mais justo, por meio de reivindicação dos direitos estabelecidos pela Constituição Federal Brasileira. Um dos pontos chaves nessa perspectiva, para a comunidade é o entendimento da luta em âmbito local, nacional e internacional.

De acordo com Vieira (2017), a comunidade passou por muitos desafios, como a falta de água, tendo que buscar bem distante. “Primeiro, a gente pegava água com o jumento, depois ia de bicicleta”⁸. Com as tecnologias sociais de captação de água da chuva, a cisterna de 16 mil litros de água para beber e cozinhar, do Programa 1 Milhão de Cisternas (P1MC), bem como a cisterna com capacidade para armazenar até 52 mil litros, para produzir alimentos, do Programa P1+2, esse desafio tem sido amenizado.

As famílias de Lagoa do Juá são beneficiadas também com outros programas financiados pelo governo, como o Pronaf (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), dentre outros. Um dos projetos que a comunidade destaca como importante para o manejo da caatinga é o Florestação, executado pelo Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador (Cetra)⁹, com patrocínio da Petrobras. Outro projeto implementado na comunidade é o quintal produtivo, uma proposta do P1+2, que possibilita que as famílias produzam alimentos mesmo em período de estiagem. Desse projeto, as famílias têm alface, couve, tomate, entre outros produtos.

Diante disso, é possível perceber que as famílias de Lagoa do Juá vivem um compromisso sócio-político-comunitário, que passa pela participação, entendida por Bordenave (1995) como um “caminho natural para o homem exprimir sua tendência inata de realizar, fazer coisas, afirmar-se a si mesmo e dominar a natureza e o mundo” (BORDENAVE, 1995, p. 14). Essa necessidade básica ao ser humano, de participar, leva a uma construção coletiva, capaz de transformar a sociedade, conforme o autor.

Para Bordenave (1995), desse pressuposto, “a participação não mais consiste na recepção passiva dos benefícios da sociedade, mas na intervenção ativa na sua construção, e no que é feito através da tomada de decisões e das atividades sociais em

⁸ Ibidem.

⁹ O Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador (CETRA), é uma Organização da Sociedade Civil (OSC), filiada à ASA, fundada oficialmente em 30 de dezembro de 1981, no estado do Ceará. Tem como missão contribuir no processo de transformação na vida de agricultoras e agricultores familiares por meio da Agroecologia, da Convivência com o Semiárido e da Socioeconomia Solidária, considerando as dimensões econômica, política, socioambiental, territorial, cultural, de gênero, geração e etnia, tendo como princípio a universalização dos direitos humanos, na construção de uma sociedade justa, livre e igualitária. Informações disponíveis em: <<http://cetra.org.br/index.php/pt-br/institucional/historico>>. Acesso em: 12 de abril de 2017.

todos os níveis” (BORDENAVE, 1995, p. 21). Dessa concepção, para intervir, as pessoas vão estabelecendo estratégias, dentre elas os modos de comunicação, como a popular e alternativa, que segundo Peruzzo (2006), nasce do povo e de suas necessidades de fortalecer suas ações.

É em meio a esse contexto que o Boletim o Candeeiro é produzido em Lagoa do Juá. Conhecemos, até o momento, duas experiências sistematizadas: uma conta a história da agricultora e Agente Comunitária de Saúde, Maria Irismar Vieira Linhares, conhecida como Mazinha, sobre o estoque de água em garrafas pet (ver anexo 7), o outro traz a experiência da agricultora Maria Dalva Nascimento Vieira, conhecida como Dalvinha, sobre as previsões de chuva a partir dos sinais da natureza (anexo 8).

Vale ressaltar, no entanto, que nesse trabalho não aprofundaremos o boletim, mas as impressões durante duas visitas realizadas na comunidade, como foi mencionado anteriormente. Apenas queremos situar, em breve relato, acerca desse informativo.

3. O Candeeiro

O Candeeiro é um dos meios de comunicação do programa Uma Terra e Duas Águas, da ASA, em dois formatos: boletim e banner. Durante a execução do programa, esse fazer comunicacional se estabelece como meta para o fortalecimento das ações junto às famílias agricultoras, utilizado também nos processos de formação. É produzido por pessoas contratadas pelas organizações da ASA, denominadas de comunicadores e comunicadores populares, nos estados onde o programa é executado. No processo de elaboração o comunicador ou a comunicadora conhece a experiência e estabelece um diálogo com a família. A escrita é feita, geralmente pelo comunicador ou comunicadora, em alguns casos o ator da experiência escreve. São histórias narradas em primeira ou segunda pessoa, entrevistas ou versos.

A ASA discute o Candeeiro como um fazer comunicacional popular, que parte das experiências do povo, na perspectiva de visibilizar e fortalecer as ações de convivência com o Semiárido¹⁰. De cada sistematização são impressos mil exemplares. Esse material é entregue à família ou grupo da experiência, geralmente em um evento da comunidade, ou alguma atividade do programa, como o intercâmbio, por exemplo. O público-alvo é o agricultor e a agricultora familiares, sendo que estes distribuem para outros públicos.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.asabrasil.org.br/acoes/p1-2>>. Acesso em: 30 de março de 2017.

A ideia é que essas ações sejam multiplicadas, e uma das formas de fortalecer isso é sua propagação de agricultor para agricultor, segundo a ASA (2003).

No caso das experiências sistematizadas na comunidade Lagoa do Juá, seguiram o mesmo processo. A distribuição foi feita em eventos comunitários e nacionais, como o Encontro de Agricultores Experimentadores, que aconteceu na Paraíba. As famílias ainda guardam alguns exemplares, quando chega alguém que ainda não o conhece, elas entregam. Essa questão será ainda abordada neste trabalho, posteriormente.

4. Etnografia: uma discussão teórica

Toda pesquisa parte do objetivo de analisar determinada realidade, objeto/sujeito ou temática específica. Para se chegar aos resultados, faz-se necessário traçar metas e caminhos. São estratégias metodológicas, segundo Malinowski (1984).

Para chegar a um possível resultado dessa pesquisa, que compreende o projeto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGCOM, na linha II - Mídia e Práticas Socioculturais, com a proposta de analisar a participação de agricultores e agricultoras familiares no boletim O Candeeiro, pretende-se percorrer a trajetória da etnografia. Este trabalho é um ensaio dessa proposta.

Oliveira (2014) discute a etnografia como um método que possibilita uma imersão em campo, para, a partir de então entender o contexto, gestualidade e comportamentos, e poder analisar determinada situação. De acordo com a pesquisadora, configura-se como “procedimentos para estudar grupos de receptores em suas vivências culturais no cotidiano” (OLIVEIRA, 2014, p. 35).

A autora questiona, inclusive se “não teria a etnografia uma dimensão de processos, já prevendo que durante o procedimento de entrada em campo, as técnicas vão sendo apresentadas a partir das realidades específicas dos objetos/sujeitos pesquisados, gerando multimetodologias” (OLIVEIRA, 2014, p.37). Ou seja, os processos são dinâmicos e, durante uma pesquisa pode aparecer outros aspectos relacionados ao objeto/sujeito ou necessidade de buscar mais elementos que fortaleçam determinada ideia. A pesquisa de Oliveira (2014) confirma isso. Durante os processos e entrada em campo, no Assentamento Itapuí, no Rio Grande do Sul, foi possível identificar outro espaço, que se tratava de um acampamento onde as pessoas ficavam durante o processo de ocupação do Assentamento. A partir da identificação desse espaço,

segundo a autora, sentiu-se a necessidade de conhecê-lo. Lá outras questões foram levantadas.

Das discussões de Oliveira (2014) é importante entender os processos dos pesquisadores em campo. Nessa perspectiva buscamos os relatos de Frazer sobre a experiência de Malinowski (1984). De acordo com Frazer, o pesquisador mergulhou na realidade da comunidade Mailu, na Nova Guiné, para realizar sua pesquisa:

“[...] o Dr. Malinowski viveu, durante muitos meses, a fio, como um nativo entre os nativos, observando-os diariamente no trabalho e nas diversões, conversando com eles na própria língua nativa e obtendo todas as suas informações das fontes mais seguras: - observações pessoais e declarações feitas a ele diretamente pelos nativos em sua própria língua, sem a intervenção de intérpretes. Pôde, ele, dessa maneira compilar uma multiplicidade de dados de alto valor científico, referentes à vida social, religiosa e econômica dos nativos das Ilhas Trobriand” (FRAZER, 1984, p. 5).

Para Malinowski foi necessária uma vivência junto ao povo, para poder conhecer sua realidade. Isso implicava em muitas questões, como o aprendizado do próprio idioma, porque, nessa perspectiva não poderia haver interferências externas, nem mesmo na tradução da língua.

Pelo que discute o autor, esse método interpela para uma vivência da realidade e sensibilidade que possibilite generosidade e autenticidade, do contrário, segundo o autor (1984), haverá alteração dos dados levantados e, conseqüentemente um falso resultado.

Oliveira (2014) também tem se utilizado desse método em seus trabalhos. Para pesquisar o Assentamento Icapuí, no Rio Grande do Sul, ela permaneceu, entre idas e vindas, por alguns meses na localidade, uma experiência de vivência e de entendimento da realidade, segundo a autora (2014).

Diante do exposto surgem algumas inquietudes: por quais caminhos percorreremos para analisar a participação de agricultores e agricultoras no boletim O Candeeiro, na comunidade Lagoa do Juá? De que forma será feito esse percurso? Qual a melhor forma de se fazer isso para chegar a um resultado?

No intuito de obter orientação dentro de uma proposta etnográfica recorro novamente a Oliveira (2014), a pesquisadora dialoga com Angrosino (2009) para dizer que a observação é um dos métodos utilizados na etnografia, e que em muitas pesquisas utilizam-se até da observação participantes nos procedimentos em campo, bem como de entrevistas. “Essa separação não pode ocorrer com a etnografia, pois, nesse processo, a

observação participante é parte de um método mais amplo: a etnografia e seu modo de proceder em campo” (OLIVEIRA, 2014. P. 49). Neste caso, a observação participante e não participante, bem como a entrevista são os percursos metodológicos, e que, certamente serão necessários a essa pesquisa.

É por esse caminho que a pesquisa pretende percorrer, também foi por ele as primeiras entradas em campo. No primeiro momento foi feita uma observação não participante, entendida a partir de Minayo (2011) como “[...] um processo pelo qual o pesquisador se coloca como observador de uma situação, com a finalidade de realizar uma intervenção científica”. E entrevistas, com a intenção de obter dados prévios do objeto pesquisado, confirmando a ideia de Minayo (2011) sobre o assunto. Aprofundaremos mais essas questões a partir das duas visitas de campo à localidade.

5. Entrada em campo: um olhar sobre Lagoa do Juá na perspectiva da Etnografia

É complexo entrar determinado espaço sem um conhecimento prévio, ou sem uma orientação sobre o local. Inicialmente, foi esse o meu sentimento ao agendar uma visita à comunidade Lagoa do Juá. No entanto, eu estava disposta a encarar esse desafio e foi isso que me dispus a fazer. Cheguei à Lagoa do Juá de moto, guiada por um assessor técnico, que havia trabalhado na localidade. Eu não conhecia nada a respeito da comunidade, apenas sabia que duas mulheres com as quais havia me encontrado em eventos de agricultores, residiam lá. Não tinha expectativa em relação à comunidade e as pessoas que encontraria, o meu pensamento era conhecer o local e fazer a pesquisa. Estava disposta a conhecer a realidade e estabelecer uma relação com as pessoas.

Nessa primeira visita que fiz não tinha consciência que já seria o início de um processo que poderia, inclusive, contribuir com a pesquisa. No meu entendimento, para esse primeiro momento bastava conversar com as famílias sobre a pesquisa, inicialmente sem outras pretensões.

A pessoa que me guiou até a comunidade perguntou-me onde eu gostaria de ficar, eu disse que não sabia, mas que conhecia duas mulheres da comunidade, a dona Mazinha e a dona Dalva. Ele seguiu até a casa da dona Mazinha, mas na ocasião ela não se encontrava. A primeira ideia que veio foi de procurar outra família, mas, para minha sorte, encontramos dona Mazinha na estrada. Na ocasião ela saía para visitar as famílias, como um ofício de Agente Comunitária de Saúde. Paramos, o técnico perguntou se ela me conhecia e ela disse que eu não era desconhecida, e que, certamente teria me visto

em algum evento. Comentei sobre a pesquisa e ela quis rir. Perguntei se poderiam me receber, ela deu com a cabeça que sim. Quis voltar para sua casa, mas, eu disse que se ela não se importasse eu preferia ir com ela. Sai com a mochila nas costas e o capacete na mão.

Foi uma experiência incrível. Passamos a manhã inteira visitando. Entramos em onze a doze casas. Eu prometi para mim mesma que não iria escrever nada, que aquela visita ainda não fazia parte dos procedimentos da pesquisa, mas apenas um primeiro contato com a comunidade, contudo, seria impossível não fazer as minhas observações. Em toda casa que chegávamos dona Mazinha me apresentava e dizia que eu estava ali para pesquisar sobre sua experiência, e em todas as casas as pessoas pareciam saber do que se tratava. Das famílias que visitamos três chamaram-me mais atenção. Em uma, conversamos com uma senhora portadora de glaucoma ocular. Depois de ser apresentada ela contou-me toda a sua história, desde o início da doença, de quando foi diagnosticada até os desafios que enfrenta atualmente, por ter um olho totalmente cego e o outro com menos de 30%.

A partir da conversa com essa senhora, tive a sensação de estar em casa. Percebi que aquela era uma comunidade de pessoas acolhedoras, que poderiam falar de si, de suas experiências, talvez até mesmo mais do que eu poderia imaginar. A impressão que tive é que aquela senhora também se sentia familiar. Entre essa e outras histórias o nosso tempo ali foi de aproximadamente meia hora. A dona Mazinha também fez o seu trabalho, perguntou se ela havia verificado a pressão, sobre a saúde na família, entre outras questões.

Na segunda casa ficamos em torno de vinte minutos. Estavam sentadas na área externa duas pessoas, um senhor e uma senhora. Dona Mazinha sentou-se, me apresentou, perguntou algumas coisas relacionadas à saúde dos dois e deu algumas orientações. Depois de uma breve conversa perguntou se tinham ovos para vender e logo trouxeram um balde quase cheio de ovos. Disseram que também tinha galinha para vender, com isso abriu-se um diálogo sobre a criação de pequenos animais. Nessa família, tive uma impressão de que também estariam abertos para conversar mais, contudo, com certo cuidado não quis me prolongar.

Por fim, chegamos à casa da mãe de dona Mazinha, a dona Maria Lídia, uma senhora de uns oitenta anos. Entramos e começamos um diálogo com a família. Dona Mazinha olhou as panelas e perguntou se poderíamos almoçar lá. Dona Lídia sorriu e disse que não era comida boa, mas que tinha de sobra. Logo me serviram um prato de

carne e fígado de porco. Comemos e ficamos por ali. Dona Mazinha tornou a falar de minha pesquisa, que eu estava ali para isso e que iria voltar à comunidade por mais vezes. Eu confirmei que sim e que minhas visitas se dariam durante seis meses, de fevereiro a julho, se a comunidade acolhesse. Dona Lídia disse que as portas estavam abertas e que eu poderia chegar a qualquer dia e hora. A minha hipótese de que as famílias da comunidade eram acolhedoras se confirmou ali, e senti que estava no caminho certo. À tardinha, o mesmo técnico que havia me deixado pela manhã, passou para me buscar.

No segundo momento em que fui à comunidade Lagoa do Juá, pensei ir sozinha, mas fiquei preocupada de viajar de Fortaleza até à localidade, distante em torno de 202 quilômetros, por isso, convidei meu sobrinho de 16 anos para me acompanhar.

Ao entrar em Lagoa do Juá, a primeira informação que pedi a um senhor que caminhava rumo ao centro da comunidade foi sobre a dona Mazinha, onde ficava a sua casa. O senhor disse que a conhecia, mas que ainda estava distante. Seguimos a estrada direita e mais adiante perguntamos a outra pessoa, que nos respondeu que estávamos na direção certa. Alguns minutos depois estávamos em frente à casa de dona Mazinha. Quando descemos do carro chamei-a pelo nome e logo ela apareceu à porta. Pediu que entrássemos, entramos e cumprimentamos a família, na ocasião, seu esposo Luzimar e um filho. Dona Mazinha trouxe duas cadeiras, sentamos, falamos um pouco da viagem e logo em seguida ela pegou o seu Candeeiro e nos entregou. Logo após, nos conduziu até o quintal, onde estavam empilhadas centenas de garrafas pet todas cheias de água. Logo associei à história do boletim (ver anexo 8). Também no quintal da agricultora tem duas cisternas, uma com capacidade para armazenar 16 mil litros de água e outra com capacidade para 52 mil litros. Um plantio de feijão e milho, uma horta e um cercado com galinha, pato, galinha de angola e peru.

Ficamos um pouco no quintal, conversamos sobre a produção e retornamos para a sala. É importante ressaltar que em todos esses momentos me políciei para não fazer perguntas referentes ao Candeeiro, por lembrar das orientações de Oliveira (2014) e Malinowski (1984), os principais autores que tenho lido a respeito da entrada em campo.

Malinowski (1984) e Oliveira (2014), ao tratar da entrada em campo falam da necessidade de uma vivência, da importância de tonar-se sensível aos fatos. Foi esse o sentimento que tive ao entrar na comunidade Lagoa do Juá, e, se, no primeiro momento contive-me para não fazer perguntas, no segundo já me sentia mais à vontade. Mas nem por isso iria fazer todas as perguntas que gostaria, por entender que nesse primeiro

momento precisamos conhecer a realidade. Mas, ao passo em que dona Mazinha ia apresentando os fatos, por meio de fotos e tarjetas, ia me inteirando daquela realidade.

Outro material que dona Mazinha trouxe acerca da trajetória local foi o manual da comunidade, que conta um pouco da sua história, bem como das políticas estabelecidas para a caminhada em comunidade, conforme os anexos 1 e 2. Uma linha do tempo do curso da história da comunidade foi apresentada em tarjetas, conforme os anexos 3 e 4. Nesse momento o esposo da dona Mazinha aproximou-se do círculo que tínhamos feito automaticamente e passou a dialogar a respeito da família e da comunidade. Além das tarjetas e manual, também na parede interna da casa, alguns banners, entre eles, um sobre a Biblioteca Arca das Letras (ver anexo 5) e outro do Projeto florestação, conforme anexo 6. O Candeeiro, nosso objeto de pesquisa, estava à mesa.

Iniciei um diálogo sobre o Candeeiro, mas achei por bem não aprofundar ainda tanto quanto o farei ao longo da pesquisa. Foquei no meu objetivo inicial: conhecer a comunidade e iniciar uma conversa sobre o boletim. O diálogo fluiu a partir de quatro questões, uma sobre o processo de construção do Candeeiro, outra sobre a distribuição, outra ainda sobre a sua importância, e por fim, uma sobre o que ela gostaria que estivesse escrito.

Inicialmente, dona Mazinha falou do processo de visitas e diálogo. Disse que foram de três a quatro visitas, que tiraram muitas fotos e depois de alguns dias trouxeram impresso, durante uma formação na comunidade. A respeito da distribuição segundo Mazinha, foi feita na comunidade durante reuniões, visita às famílias e em outros espaços, por ocasião de eventos envolvendo a participação de agricultores e agricultoras.

Muita gente conhece a história. No encontro de agricultores as meninas saem espalhando e eu também dou. Distribuo nos encontros da Paróquia. Um dia desses uma pessoa disse assim: ei Mazinha, eu vi a senhora na Baleia, no boletim. Eu disse que tinha mesmo e que iria dar um a ela. Tem o do florestação também (LINHARES, 2017).

Pelo que afirma a agricultora, com o boletim sua história tornou-se conhecida por pessoas de outras localidades, como, por exemplo, em Baleia, uma praia que fica distante de Itapipoca cerca de 60 quilômetros.

Dona Mazinha gostaria que outros fatos estivessem escritos em seu boletim. As conquistas que viveram depois, a história da comunidade, o Projeto Florestação, ATER Agroecologia (Assistência Técnica em Agroecologia) e ATER Mulheres (Assistência Técnica para Mulheres) foram temas citados pela agricultora.

Não foram mencionadas outras questões que poderiam estar escritas, mas pela fala de Mazinha, o desejo dela é que estivessem, porque ela engata a conversa falando sobre suas visitas e seu papel junto à comunidade. Diz que é coordenadora da comunidade e que junto a outras famílias visitam em torno de 40 comunidades vizinhas, a cada ano. Pareceu-me que com o mesmo sentimento de quando contou sobre os desejos de querer que outras histórias estivessem escritas.

Como disse anteriormente, a minha intenção não era de aprofundar o boletim, nesse primeiro momento e me políciei para isto. Depois de uma longa conversa dirigi-me até a casa de dona Maria Dalva, acompanhada por dona Mazinha, para conversar sobre o Candeeiro que conta sua experiência. Sabia que o diálogo não poderia ser demorado, pois já era mais de 19 horas. Dalvinha começou a contar sua experiência: “minha história é sobre as previsões de chuvas da experiência com as formigas. Para onde eu vou eu levo e deixo por lá, quem quiser ler que leia, que não quiser...”¹¹.

Em relação ao que ela gostaria que tivesse sido escrito afirma:

[...] não prestei atenção, não sei se é porque valorizei tanto esse boletim... Tem experiência assim que a gente gostaria de contar, como muita coisa que tem na comunidade. Aqui na Lagoa do Juá tem muita coisa bonita que as pessoas não valorizam. Tem tanques de pedras, ossos de animais de cinco mil anos guardados, tudo isso, mas as pessoas não valorizam. Vem gente de fora fazer entrevista, pessoas que vão estudar vêm fazer experiências nos tanques de pedra... fiquei alegre com o Candeeiro porque a experiência estava lá e eu podia repassar (VIEIRA, 2017).

Pela fala de Dalvinha, o Candeeiro é uma forma de comunicar sua experiência, de torná-la conhecida. A princípio, ela não se deu conta de que outras experiências poderiam ser sistematizadas, mas, ao ser indagada, ela percebe que sim, porque tem muitas outras coisas para mostrar da comunidade, conforme sua fala. Acerca da distribuição, foi feita em espaços diversos, inclusive em eventos que participou na Bahia. A conversa não se estendeu mais ainda porque já era tarde e precisávamos chegar à casa onde iríamos ficar naquela noite. Seguimos até a casa da dona Maria Lídia, onde dormimos. Depois de guardar os pertences e tomar um banho, pensei em comentar com dona Lídia sobre o Candeeiro, mas já era tarde e poderia incomodar, ou mesmo não conseguir aprofundar as questões que eu gostaria. Dona Lídia contou algumas histórias familiares e pouco depois fomos dormir.

¹¹ VIEIRA, M. D. N. Entrevista concedida a Rosa Nascimento. Comunidade Lagoa do Juá. 2017.

No dia seguinte a agricultora me levou ao quintal, onde tem uma plantação de milho e frutíferas. Falou sobre a alegria em poder produzir seu alimento, mesmo que contra o gosto dos filhos, que não querem que ela trabalhe. Fiquei por um tempo ali observando as casas ao redor, as pessoas que passavam, os animais no entorno das casas e mais tarde peguei o carro e voltamos para Fortaleza, contra a vontade de dona Lídia, que convidou para almoçarmos com ela naquele dia.

Com essas duas visitas à comunidade Lagoa do Juá, foi possível dialogar um pouco com as pessoas, em outras visitas, certamente conhecerei mais pessoas. Até sai um pouco pelo quintal, fiquei observando as pessoas passarem, fui até a casa da vizinha, mas tudo muito de forma incipiente.

Oliveira (2014), Guber (2004) e Malinowski (1984) discutem a respeito da etnografia como um método com várias possibilidades, mas que para sua efetivação se faz necessário uma entrada em campo, conhecer a realidade à qual se pretende estudar, ser sensível aos fatos, e que as impressões sejam feitas desde o início da pesquisa, segundo Malinowski (1984).

Para esses autores, um dos primeiros passos é estabelecer uma relação com o campo, objeto e sujeito. Observar cada situação, para somente depois fazer qualquer análise. Pela compreensão, a partir desses pesquisadores, não seria possível uma etnografia sem passar, necessariamente por esses processos.

Nas duas visitas à comunidade Lagoa do Juá, pude sentir que sem a relação de proximidade, de conhecimento da realidade e de uma vivência mais profunda, não será possível realizar uma pesquisa nesse âmbito. Diante desses pressupostos levantados, para pesquisar o Candeeiro na comunidade, me propus uma vivência junto às famílias locais durante cinco meses, que será de fevereiro a junho deste ano de 2017. Nesse período pretendo visitar todas as famílias, acompanhar os processos de formação, participar de celebração da comunidade e conversar com as pessoas. Outras estratégias poderão ser traçadas, como grupos focais e oficinas, para que a comunidade tenha a possibilidade de produzir seu jornal, de acordo com suas necessidades.

6. Considerações

Pelas visitas realizadas à comunidade Lagoa do Juá foi possível perceber a importância da entrada em campo para poder realizar uma pesquisa etnográfica, conforme Oliveira (2014), Malinowski (1984) e Guber (2004). Foi possível sentir,

inclusive que estar em campo exige uma postura. Que conhecer o contexto, as pessoas e suas ações são importantes nessa perspectiva.

A comunidade Lagoa do Juá tem uma história de luta bem fortalecida, pautada na construção coletiva das estratégias de ação pelo desenvolvimento local. Dispõem de alguns materiais como banners, manuais, boletins e tarjetas que têm sido importantes para a construção e preservação de sua história.

Dessa primeira entrada outras questões vieram à mente, como a vida das mulheres e juventudes na comunidade. Como se utilizam dos meios de comunicação para divulgar suas ações, além dos instrumentos já identificados e qual o papel do Candeeiro junto a isso. Esses são elementos ainda não identificados, mas que serão discutidos ao longo da pesquisa.

7. Referências

ASA (2003). P1MC, Recife.

BORDENAVE, J. E. D. **O que é participação**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995.

BRAGA, R. S. Identificações e recepção: O olhar dos moradores do bairro Pantanal ou Planalto Ayrton Senna sobre o vídeo popular da TV Janela. 2010. 112f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Fortaleza - CE, 2010.

GUBER, R. El Salvaje Metropolitano: Reconstrucción del conocimiento social en el trabajo de campo. Buenos Aires: Paidós, 2004.

MALINOWSKI, B. K. **Argonautas do pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. 3. ed. São Paulo: abril, 1984.

PERUZZO, C. M. K. Revistando os **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - UnB - Brasília, 6 a 9 de setembro de 2006.

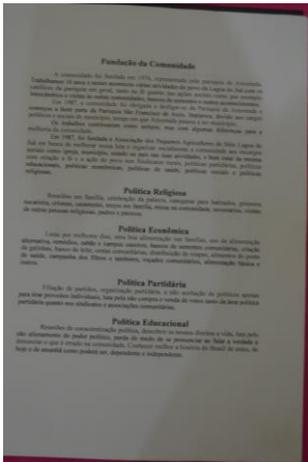
MINAYO, M. C. S. (Org.) (2011). Pesquisa Social - Teoria, método e criatividade. 30 ed.– Petrópolis, RJ: Vozes.

GERHARDT, T. E. G.; SILVEIRAS, D.T. (Org.). Métodos de pesquisa. Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS/SEAD – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

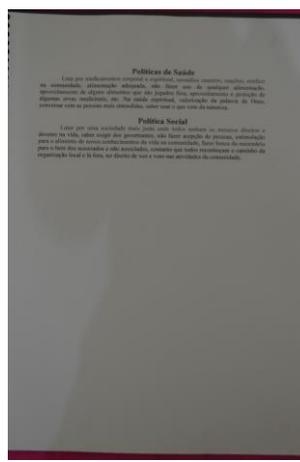
OLIVEIRA, C. T. F. de. **Comunicação, recepção e memória no Movimento Sem Terra: etnografia do assentamento Itapuí/RS**. Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará (UFC) – Fortaleza - Ceará. 2014.

Anexos

Anexo 1 – Manual da comunidade - 1



Anexo 2 - Manual da Comunidade - 2



Anexo 3 - Tarjetas da história da comunidade - 1 Anexo 4 - Tarjetas da história da comunidade 2



Anexo 5 – Arca das Letras



Anexo 6 – Florestação



Anexo 7 – O Candeeiro – Mazinha engarrafa tempo Anexo 9 – O Candeeiro – Os segredos das chuvas

